

## AS POLACAS E O CEMITÉRIO



Imagem - Cemitério Israelita de Inhaúma - Leonardo Aversa

Numa série de artigos publicados no jornal "O Paiz" no fim do século XIX, o jornalista Francisco Ferreira da Rosa investigou o universo da baixa prostituição no Centro do Rio, dedicando-se especialmente às imigrantes de origem judaica vindas da Europa Oriental, chamadas na época de "polacas", termo que ficou registrado nos dicionários como sinônimo de meretriz. Elas (e a comunidade que se formou em torno delas, com cafetões, clientes, policiais, médicos) eram vistas com um misto de curiosidade, preconceito e espanto pela sociedade carioca, num momento em que a cidade se expandia rapidamente e aprendia a lidar com a nova condição de metrópole.

Os artigos de Ferreira da Rosa foram reunidos no livro "O Lupanar", publicado em 1896 e há décadas fora de catálogo. Este ano – 2009 - o neto do autor, Carlos Ferreira da Rosa, organizou uma reedição da obra, com tiragem caseira de 100 exemplares, doada a bibliotecas e centros de referência. No Prosa desta semana, o repórter Guilherme Freitas conversa com historiadoras e pesquisadoras sobre a importância da obra de Ferreira da Rosa como documento histórico e sobre a forma como o autor reflete a visão da época a respeito da prostituição.



A reportagem discute também o delicado debate dentro da comunidade judaica do Rio sobre como lidar com esse passado hoje, examinando a discussão sobre o futuro do Cemitério Israelita de Inhaúma, onde estão enterradas 797 pessoas ligadas à associação de ajuda mútua fundada pelas prostitutas. Tombado pela prefeitura, mas depredado e desfigurado, ele tem uma área ociosa que pode vir a ser usada para novos enterros, de acordo com um projeto dos administradores do espaço. A historiadora Beatriz Kushnir, especializada na história das "polacas", denuncia o projeto como uma tentativa de expurgo da memória das mulheres.

Paulo Thiago de Mello resenha o livro "Vila Mimosa: Etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca" (EdUFF, no prelo), resultado da pesquisa de mestrado da antropóloga Soraya Silveira Simões. No livro, Soraya descreve o complexo cenário, propício ao jogo de sedução, criado pelas prostitutas nos mais de 70 bordéis que ocupam hoje a Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira. O trabalho de campo da autora também registra a tensa relação entre as mulheres e os donos de casas de prostituição, os conflitos de interesse na disputa pelos clientes, o processo de sedução e de procura no espaço da Vila, entre outros aspectos do dia a dia da zona.



**Túmulos das Polacas no Cemitério de Inhaúma**



© Foto de Augusto Malta. As “polacas”, Rio de Janeiro. 1920.

## **CEMITÉRIO DE POLACAS**

(Alexei Bueno)

Nos beliches sobre o oceano,  
Nas camas de Lapa ou Mangue  
Fizeram-se, corpo e sangue,  
Algo horizontal e plano.

Sob o lustre, ao som do piano,  
Quanto gesto ousado ou languie,  
Que mudo medo da gangue  
Que as trouxe, que asco inumano.

Mas ei-las, ainda deitadas  
Nos seus leitos de cimento,  
Seus barcos sem amuradas.

Doadoras do esquecimento,  
Ei-las na paz olvidadas  
De todos, menos do vento.

Petição em Solidariedade

Às Polacas do Cemitério Israelita de Inhaúma

Apóie essa causa. Por favor, assine e divulgue a petição on-line :

<http://www.petitiononline.com/branca/petition.html>

FONTES

<http://polacas.blogspot.com/2009/11/prostituicao-ontem-e-hoje-no-prosa.html>

<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/12/02/cemiterio-de-polacas-por-alexei-bueno-246514.asp>

<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/11/27/a-prostituicao-ontem-hoje-no-prosa-desta-semana-245157.asp>

<http://imagesvisions.blogspot.com/2009/07/augusto-malta-retratou-as-polacas-que.html>

[www.cemiteriosp.com.br](http://www.cemiteriosp.com.br) – Maio 2010 – São Paulo - Brasil